

# Editorial

Caros Leitores,

Em tempos em que o ensino e as pesquisas no país sofrem ataques justamente daqueles que deveriam lutar pelo desenvolvimento da cultura e da ciência, uma resposta talvez eficaz seja, a despeito de todas as investidas, mais do que nunca incrementar o trabalho acadêmico. Não podemos esquecer que Antonio Candido (1919-2017) considerava a literatura um direito fundamental do ser humano, Roland Barthes (1915-1980), por seu turno, afirmou em sua aula inaugural no Collège de France em 1977: “Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário” (2007, p. 17). Assim, mais do que nunca, o trabalho de uma revista acadêmica especializada em língua e literatura deve prosseguir e resistir.

Nesse sentido, é com prazer que o número 13 da revista *Non Plus*, cujo tema é livre, reflete o avanço e a diversidade do estudo da língua e da literatura francesa no meio universitário brasileiro. Notamos, de fato, que no campo dos estudos literários e linguísticos, o vigor continua inabalável. As pesquisas na área de FLE (Francês Língua estrangeira), por exemplo, tiveram um notável desenvolvimento nos últimos quinze anos no Brasil. No artigo “O papel da escrita na aquisição de confiança dos futuros professores de FLE no Brasil”, as pesquisadoras Joyce Aramani Galli e Simone Pires Barbosa Aubin da UFPE discorrem sobre a importância da competência escrita para superar a angústia com que se deparam os jovens professores. As autoras examinavam os fatores que desencadeiam o bloqueio daqueles que iniciam o trabalho em sala de aula. A essas dificuldades, via de regra, somam-se problemas de ordem estrutural. Com efeito, não é difícil imaginar os embaraços enfrentados quando se leciona em um bairro desfavorecido de Recife,

como no projeto de extensão, bastante audacioso, intitulado “Crabes”, visando a ensinar a língua francesa em uma região da cidade onde a fonte de renda é basicamente a pesca de caranguejo.

No campo da tradução, o presente número traz duas preciosas contribuições. A primeira assinada por Kendrini Domingos dos Santos, intitulada “*Vidas Secas* em francês: tradução e leitura” estuda e discute não apenas a tradução para o francês publicada em 2014 e realizada por Mathieu Dosse, como também a análise feita pelo próprio tradutor, também ele um teórico dos estudos tradutológicos.

Já em “Tradutor Remixador: a experiência de traduzir *Amanhã Numa Boa*, de Faïza Guène”, a pesquisadora e tradutora Luciana Persice Nogueira relata os desafios durante o processo tradutório do livro de Guène, marcado pela coloquialidade, pelo uso intenso de gírias e pelo uso de expressões originárias de outros contextos francófonos, como o Magreb, região de onde a autora do romance é originária.

Entre os artigos consagrados à literatura, a *Non Plus* oferece mais uma vez a ocasião de refletir sobre o célebre processo contra o romance *Madame Bovary* (1857) de Gustave Flaubert<sup>1</sup> (1821-1880), enfatizando, desta vez, o tédio de Emma Bovary ao lado do médico provinciano. Em “O Tédio em Madame Bovary: justificativa ou condenação?”, os pesquisadores Grace Alves Paixão e Anaximandro Oliveira Santos Amorim analisam como os argumentos de imoralidade do promotor Ernest Pinard (1822-1909) ruíram por terra face à brilhante defesa do advogado Jules Sénard (1800-1885).

Por sua vez, no artigo “Le symbolisme de l’analogie proustienne”, de Mouad Adham, professor na Universidade de Marraquexe, traça-se um aprofundado estudo das metáforas animalistas encontradas na monumental obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust (1871-1922), partindo da simbologia das figuras animais, como forma de descrição analógica e alegórica da alta sociedade europeia de seu tempo.

Em seguida, no artigo “A Realização de uma verdade: a literatura na filosofia de Merleau-Ponty”, o pesquisador Éder Corrêa volta-se aos estudos do célebre filósofo para tentar sistematizar uma teoria fenomenológica para apreensão e apreciação da arte e da literatura, teoria esta que se encontra dispersa em diferentes estudos de Merleau-Ponty (1908-1961), para o qual a arte e a filosofia seriam disciplinas irmãs, na medida em que propõem formas de se entender o mundo.

Por fim, a literatura francesa no século XX também está presente neste número com um estudo sobre uma das autoras mais lidas entre nós. Nos últimos anos, a obra de Marguerite Duras (1914-1996) tem merecido uma atenção cada vez maior da crítica universitária no Brasil. Em nosso meio acadêmico, a escritora e roteirista era conhecida, sobretudo, por *O Amante* (1984) adaptado para o cinema em 1992 por Jean Jacques Annaud (1943-). Em seu artigo “Do cinema à literatura:

---

<sup>1</sup> O tema foi objeto da análise de Andréa Correa Paraiso Müller em seu texto “O Romance no tribunal: o caso de Madame Bovary” (2017, pp. 54-70).

*India Song* de Marguerite Duras”, Odara Kunkler propõe uma análise comparativa dos aspectos linguísticos entre o texto dramático e o filme homônimo *India Song* (1975).

O número se encerra com um instigante texto inédito em português do célebre escritor Guy de Maupassant (1850-1893), através do qual o leitor poderá apreciar uma de suas facetas ainda pouco conhecida, a do cronista, por meio da tradução em português de “Grandes Paixões” por Ana Luiza Reis Bedê. Recuperando a tradição do diálogo filosófico, tão caro aos autores do século XVIII, o escritor normando evoca, em texto sucinto, suas grandes obsessões como a literatura, o teatro, o rio Sena, a pesca, a guerra franco-prussiana e a Comuna de Paris.

Esperamos, com essa seleta e diversa recolha, dar uma amostra do ponto em que se encontram os estudos da língua francesa e das literaturas francófonas atualmente, buscando o diálogo interdisciplinar entre as diversas abordagens possíveis no campo das letras, a saber, a crítica literária, a linguística, a tradução e a didática. Com isso desejamos a todos excelente leitura.

**Bruno Anselmi Matangrano e Ana Luiza Reis Bedê**  
**Editores do número 13**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. O Romance no tribunal: o caso de Madame Bovary. *Revista Non Plus*, n. 12: “Literatura e Justiça: Relações e tensões”. São Paulo: Universidade de São Paulo, dez. de 2017, pp. 54-70. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/132389>.